

# A angústia do mercado com o ajuste fiscal de Dilma Rousseff

Política de austeridade, com reforma tributária, poderia garantir avanços mais rápidos ao país

A presidente eleita, Dilma Rousseff, vai assumir a partir de primeiro de janeiro um país com as finanças estáveis, mas com o desafio principal de controlar o gasto público do pesado aparelho burocrático brasileiro, avalliam analistas. Em seu primeiro discurso depois de ser declarada vitoriosa na eleição de domingo, Dilma trouxe suas primeiras linhas em matéria econômica e se comprometeu a dar ao país estabilidade fiscal e controlar a inflação, que se encontra hoje no nível de 4,7%, um pouco acima do centro da meta oficial.

“Faremos todos os esforços para melhorar a qualidade do gasto público, pela simplificação e atenuar a tributação e qualificar os serviços públicos”, destacou ao deixar entrever a possibilidade de uma reforma tributária.

Para o economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, o próximo governo deverá, a priori, “reduzir o ritmo de expansão dos gastos que o Brasil vem assumindo nos últimos anos e fazer uma opção por programas de melhor custo-benefício”, diz ele. Ainda que o Brasil tenha realizado melhorias desde 2003, quando assumiu o presidente Lula, o âmbito fiscal continua sendo o grande ‘débito’ da área econômica, avalia Sebastián Briozzo, analista regional da consultoria Standard and Poor’s. “Em nível fiscal, o Brasil ainda apresenta vulnerabilidades. Num cenário em que se mantenha a política (econômica) atual, o Brasil se beneficiaria avançando mais rapidamente ao dispor de reformas, fiscais, na parte tributária, e previdenciária”, destaca.

**Ainda que o país tenha avançado desde 2003, o âmbito fiscal ainda é um ‘débito’ do governo com a área econômica, avaliam especialistas**

A próxima presidente terá ainda que lidar com a supervalorização da moeda local frente ao dólar. “A própria restrição do gasto público será o melhor remédio para equilibrar não só a questão do câmbio como também, as taxas de juros, que são duas caras da mesma moeda”, diz Marcelo Neri. Ele ressalta ainda que para tanto faz falta um pouco de vontade política.

Até o momento, o governo Lula adotou algumas medidas concretas para tentar controlar a apreciação do real, que já afeta exportadores, assim como a balança comercial. Dilma deverá acompanhar o presidente Lula na próxima reunião do G20, nos dias 11 e 12 deste mês, na Coreia do Sul, onde os líderes globais deverão tratar especialmente o tema dos desequilíbrios monetários com a queda do dólar em nível mundial. ■ AFP

**FATOR PALOCCI****A voz do PT  
que tranquiliza  
os mercados**

Querido por empresários e agentes de mercado, o ex-ministro da Fazenda Antônio Palocci traz um certo alento aos que estão preocupados com a questão fiscal. Ainda que ele não assuma pastas-chave do governo – como Fazenda ou Planejamento, sua presença representa “uma voz” ressonante, que poderá alertar sobre desvios no superávit primário e a necessidade de cortar gastos para que o país cresça sem inflação. “A confirmação em algum cargo relevante seria bastante bem vista. Ele sempre foi um nome com muita credibilidade. É visto como a pessoa do PT que pensa de forma mais parecida com a do mercado”, diz Andrei Spacov, da Gavea Investimentos. Para Spacov, seria desejável que

o governo cortasse suas despesas. “Temos uma situação em que o crescimento do crédito estrutural é meio independente da política monetária. Este ano ela foi apertada, com aumento dos compulsórios e dos juros, mas no crédito as condições continuaram crescendo”, diz. Ele também defende a volta da clareza sobre o superávit: “O mercado sabe fazer contas, mas seria bom ter a volta da transparência porque esse foi um esforço de muitos anos”. Para Alex Agostini, da Austin Rating, tudo dependerá do cargo que ele ocupar. Se for em algum ministério-chave, pode ser um bom sinal. Mas se for na Casa Civil, ele não vislumbra grandes alterações. “Não acho que vai ter uma grande mudança fiscal porque o governo precisará gastar com Copa, Olimpíada e pré-sal, e está confiante de que o crescimento resolverá tudo, com o aumento da arrecadação”, diz. “Para reduzir o gasto teria que mexer nos cargos comissionados. É complicado porque o governo conta com muitos aliados”, observa o economista. **Juliana Rangel**

O ex-ministro Antonio Palocci esteve ao lado de Dilma ao longo de toda a campanha e, hoje, é um dos nomes cotados para assumir algum ministério no próximo governo

